

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côte..... 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XVI

A CASA-VERMELHA

O rapaz interrompeu-se durante alguns momentos, parecendo comprazer-se de um modo especial no raciocínio que acabava de formular.

Depois, satisfeito com a profunda attenção que o conteiro lhe prestava, continuou :

— Puz-me a seguir as manchas vermelhas que encontrava nas folhas, no chão e na relva...

« Enquanto as vi diante de mim, caminhei.

« Conduziram-me ellas ao fôssco que fecha o matto da Pedreira, do lado da Casa-Vermelha.

« Atravessei o fôssco, e puz-me a examinar a relva em torno de mim afim de encontrar as minhas marcas vermelhas...

« Porém nada... absolutamente nada!...

« Tornei a transpôr o fôssco, — entrei de novo na matta, e puz-me de quatro pés para vêr melhor no chão.

« As pintas vermelhas iam até ao grande carvalho que fica á beira do fôssco, do lado da matta; — do lado opposto não havia mais nada.

« Disse eu comigo que desta feita, seguramente, o diabo se envolvia no negocio, afim de impedir-me de ganhar os meus trezentos soldos, e, pezaroso por isso, estendi-me ao comprido junto á arvore...

« Queria dormir, para não pensar mais naquillo — e para sonhar que mettia na algibeira os tres escudos...

« Não tinha ainda fechado os olhos, quando ouço um ruídozinho...

« Clap... clap... clap...

« Eram como que gottas de agua que estivessem cahindo em folhas seccas...

« E no entanto não estava chovendo...

« Levantei os olhos...o céu estava claro, e não vi cousa alguma...

« O ruido...clap...clap...clap.. continuava...

« Puz-me a rodear o carvalho.

« De repente o pé me resvalou, e ao mesmo tempo seuti o quer que fôsse na mão, que me molhava...

« Era sangue que cahia de cima, e fôra tambem em uma poça de sangue que o meu pé escorregára...

« A cousa tornava-se exquisita!..

« Tornei a levantar os olhos, e espiei por entre as folhas do carvalho ; e sabe o que vi, Sr. Cail-louet ?

« Vi o veado, o meu endiabrado veado, amarrado pelas patas trazeiras com uma corda a um dos galhos, a mais de dez pés acima do chão...

« Para descobril-o alli fôra mister ser feiticeiro, ou ter por si o accazo, como eu o tive...

« Então disse comigo mesmo que estavam seguros os meus trezentos soldos, — que os que haviam escondido o animal viriam buscal-o, e que, quando eu devesse ficar alli oito dias, sem comer, nem beber, a esperal-os, ficaria...

« Em frente ao carvalho, do outro lado do atalho, ha um til.

« Subi ao til, sentei-me commodamente na forquilha de dous galhos, e puz-me a pensar em tudo quanto compraria com os meus trezentos soldos... quero comprar primeiramente uma espingarda e um cavallo, pão alvo e carne todos os dias ; e, quanto ao resto do meu dinheiro, verei mais tarde.

« Do logar onde eu estava sentado, e bem escondido, descobria, do lado da matta, o atalho até grande distancia, e, do lado dos campos, a Casa-Vermelha e a estrada geral...

« Eis que de repente fez-se um grande movimento para as bandas da Casa-Vermelha...

« Tres homens sahiram pela porta da taverna...

« Dous desses homens esperaram na estrada...

« O terceiro entrou na cavallariça e puchou pela rédea um cavallo magro, que trazia uma cangalha com dous jacazes de vime.

« Um dos homens tornou a entrar na taverna.

« Um outro seguiu, atravez do campo, em direitura ao carvalho...

« O homem do cavallo deu uma volta com o animal, para chegar ao mesmo sitio...

« A' medida que o primeiro dos tres se aproximava, caminhando apressadamente, eu o via melhor...

« Quando o avistei de mais perto, reconheci-o logo...

« Ora, veja se adivinha quem elle era, Sr. Caillouet...

— Eu conheço-o? perguntou o couteiro.

— Oh! conhece-o perfeitamente!

— E' pessoa cá da terra?

— E'.

— Da aldeia?

— Sim.

— Talvez Michu...? é um mariola aquelle rapaz!..

— Não é Michu.

— Será o Nicoláo?... ultimamente esteve na prisão como gatuno...

— Não é Nicoláo.

— Emfim... quem é?

— Olhe, Sr. Caillouet, estou vendo que o senhor nunca adivinhará... E' uma pessoa... imagine, uma pessoa do castello...

— Do castello! exclamou o couteiro.

— Do castello, sim!..

— E' impossivel!...

— Ah! não jure...

— Falla, Nicasio... dize depressa quem é...

— Pois bem! é o Sr. la Ramée, nem mais, nem menos...

Caillouet, suffocado pelo pasmo, estacou.

Descarregou no vacuo um murro gigantesco, e exclamou:

— Ah! o canalha!

Nicasio continuou:

— Veio elle direito ao carvallo... olhou em roda de si, e, não avistando ninguem, subiu á arvore e desatou a corda que prendia as patas do veado.

« O animal cahiu no chão...

« O Sr. la Ramée desceu.

« O homem do cavallo chegava nessa occasião.

« Caminhou ao longo do fôssco e fez entrar o animal na matta.

« O Sr. la Ramée e elle pegaram no veado, metteram-n'o em um dos jacazes, bem escondido e coberto de folhas...

« Era impossivel desconfiar-se do que ia alli...

« Depois voltaram, mas separadamente, para a Casa-Vermelha.

« Ataram o cavallo ao lado da porta e entraram na taverna.

« Foi então, Sr. Caillouet, que desci do meu puleiro e corri á sua casa para avisal-o...

« E agora vai o senhor vêr que não menti, pois que somos chegados... »

Com effeito, quando Nicasio acabava de pronunciar estas palavras, chegava com o couteiro á beira da matta, em um sitio bastante proximo da Casa-Vermelha.

— Olhe! exclamou Nicasio; olhe, Sr. Caillouet. o cavallo ainda lá está atado á porta, com os seus jacazes e a folhagem...

— Toma! disse o couteiro pondo na mão do rapaz os tres escudos promettidos... e vai-te, não careço mais de ti...

Nicasio, possuidor finalmente da homérica recompensa com que tanto sonhára, soltou uma exclamação de jubilo, e encetou uma longa serie de cambalhotas, que faziam a maior honra á flexibilidade de seus rins e ao vigor de suas articulações.

Entretanto Caillouet se dirigia rapidamente para a Casa-Vermelha.

A morada que na localidade designavam com o titulo de *Casa-Vermelha* era, com effeito, digna desse nome.

Edificada de tijolo e coberta de telha, aquella casa tinha, além disso, as portas e as janellas pintadas de encarnado.

Destacava-se de uma maneira estranha, por sua côr viva e uniforme, no meio da virente paisagem que a cercava.

A Casa-Vermelha, especie de estalagem, ou antes de taverna mal afamada, mantida por um antigo réo de justiça, gozava da mais detestavel reputação, naquellas tres ou quatro leguas em redor.

A sua rara freguezia se compunha de alguns carreiros e de um certo numero de pessoas de pessima reputação e suspeitas.

Se alguma companhia de bohemios, saltimbancos e pantomineiros, atravessava a região, era sempre na Casa-Vermelha que parava.

Durante muito tempo corrêra o boato de que um caixeiro de cobranças, sorprendido pela tempestade ao cahir da noite e forçado a procurar abrigo na Casa-Vermelha, não tornára a sahir dalli na manhã seguinte.

Em certa epocha, o boato que assignalamos parecêra tomar tal consistencia, que se dera principio a um inquerito judicial.

Mas, por falta de presumpções sufficientes, esse inquerito parára logo em começo.

Entretanto, a opinião publica não innocentára o dono do estabelecimento, e, com ou sem razão, a Casa-Vermelha passava por um covil.

Tal era, a dar-se credito ao que dissera Nicasio, o lugar escolhido pelo picador la Ramée para effectuar suas transações.

A' medida que Caillouet se aproximava da Casa-Vermelha, apressava o passo.

Chegou á estrada.

Atravessou-a e achou-se em frente á taverna.

Ao lado da porta, um cavallo russo, notavel pela sua fabulosa magreza, e reunindo em si todas as molestias que de ordinario se dessemینam entre uns vinte cavallos estragados,—desde o mormo até o espravão,—estava atado pela rédea a uma argola de ferro, junto a uma mangedoura portatil, completamente vasia.

O pobre animal carregava ás costas immensos jacazes, cobertos de folhagem.

Esses jacazes deviam conter o *corpo de delicto*, como dizem os homens da lei.

XVII

O CORPO DE DELICTO

Quando Caillouet chegou, ouvia-se na taverna, pela porta entreaberta, o estrebilho de uma canção bacchica, repetido por uma voz avinhada.

O couteiro reconheceu essa voz.

Era a de la Ramée.

De repente o estrebilho interrompeu-se.

— Bom!..disse uma outra voz; vai-se fazendo tarde...eu vou-me embora... Até mais vêr...

— Ainda é cedo, meu velho...vá mais um copo...

— Não, vou-me embora...

— Um calicezinho...

— Nem uma gotta.

— E' teimoso este coisa!.. Emfim, cada um lá sabe de si!.. Quando nos tornaremos a vêr?..

— Quinta-feira...Sabes que conto com um java-li?...

— Farei o possível...Adeus, meu velho!..

E ao mesmo tempo appareceu á porta um lata-gão — quasi tão magro como o cavallo, — vestido de blusa azul e com um chapéo de abas largas na cabeça.

A feia phisionomia daquelle individuo offerecia uma expressão ao mesmo tempo insolente e estúpida.

A principio não viu elle Caillouet, que se achava do outro lado do cavallo.

Approximou-se da argolla de ferro, e pôz-se a desatar a rédea.

O couteiro, porém, que acabava de dar volta por traz do cavallo, pôz a mão no hombro do homem da blusa e disse-lhe:

— Ouça cá, meu amiguinho!...

O homem assim interpellado voltou-se brusca-mente.

Mediu Caillouet de alto a baixo, e resmungou por entre dentes;

— Oh! que me quer este sujeito?...

O couteiro tocou com o dedo nos jacazes, e perguntou:

— O que é que está aqui dentro?

— Isso não é da sua conta! respondeu o homem da blusa.

— Ah! não é da minha conta?

— Não, por certo.

— Veremos!...

E Caillouet, puchando a sua faca de caça, cortou as cordas que atavam os ramos postos por cima do veado.

Depois, tornou tranquillamente a metter a faca na bainha, e dispôz-se a derribar o monte de folhas que occultava a caça roubada.

O sujeito da blusa, pasmado a principio da brusca acção do couteiro, empallideceu de cholera e exclamou com uma horrivel praga:

— Ah! elle é assim!..

— E' assim!.. pois que [duvida?... retorquiu Caillouet, encarando-o de frente.

— Pois bem! fazes mais um gesto, e...

— E...? perguntou o couteiro.

— E quebro-te em quatro pedaços, estás ouvindo?..

— Experimenta!.. respondeu friamente Caillouet, atirando a baixo com um tapa o monte de folhas, que deixaram a descoberto o veado.

— Com mil raios!.. bramiu o sujeito magro.

E precipitou-se sobre o couteiro.

Mas este ultimo, — sabemo-l'o — era de uma força herculea.

Agarrou pelo meio do corpo o adversario, que espumava de raiva, levantou-o como teria feito a uma criança, e atirou-o no ar com tal violencia que o pobre diabo foi rolar atordado por entre as pernas do cavallo.

Em seguida, pegou no veado pelas patas e atirou-o ao chão, em frente á porta da taverna.

Tudo isto se havia passado em muito menos tempo do que o necessario para contal-o.

Entretanto, esta scena ruidosa, e os bramidos do homem que gritava por soccorro e jurava que tinha os rins esmigalhados, haviam dispartado a attenção de la Ramée e do dono do estabelecimento.

Accudiram ambos á porta.

O picador, horivelmente ebrio, vacillava e mal podia suster-se nas pernas.

Reconheceu elle Caillouet, e instinctivamente correu a se esconder na parte mais retirada da taverna.

O dono da casa quiz a principio tomar o partido do homem da blusa, que elle contava no numero dos seus melhores freguezes.

Lançou mão de um forcado e fez menção, — vociferando as mais torpes injurias, — de atacar o couteiro.

Este, porém, engatilhou a carabina, apontou para o seu brutal aggressor e disse:

— Abaixa o teu forcado, maroto, e recua dez passos, ou, com todos os diabos! esburaco-te como a um coelho!....

O effeito produzido por esta ameaça foi immediato.

O antigo réo de justiça acalmou-se instantaneamente.

Tornou a encostar o forcado á parede, e, em vez de recuar dez passos, recuou vinte.

— Bom! disse Caillouet; tens amor á tua pelle, e fazes bem....

O sujeito magro jazia ainda estendido embaixo do cavallo, e continuava a gemer e a pedir soccorro.

Caillouet entrou na taverna.

A primeira sala estava deserta; apenas em cima de uma tosca mesa viam-se uns copos de estanho e varias garrafas vasias.

O couteiro penetrou em um segundo compartimento, cujo fundo era occupado por um immenso leito com cortinados de sarja listrada.

Por traz desses cortinados se desenhava uma fórma humana mal escondida.

Era alli que la Ramée se havia refugiado.

Caillouet caminhou direito a elle.

Levantou os cortinados, pegou no picador pela gola

da jaqueta, e, arrastando-o e empurrando-o, trouxe-o até á estrada.

O dono da casa, — não ignorando quanto são difficeis de digerir as balas de carabina, — não se movêra do logar onde Caillouet lhe dissera que se postasse.

— Você vai recolher á sua casa este veado, disse-lhe o couteiro; mais tarde mandarei buscal-o, e não esqueça que, se a caça desaparecer daqui, armar-lhe-hei um processo por complicitade de roubo...

Depois, conservando sempre la Ramée seguro pela gola e imprimindo-lhe notaveis empuchões, acrescentou :

— A caminho, canalha!...

— Aonde me conduz o senhor? balbuciou o desgraçado.

— Aonde te conduzo?..

— Sim...

— Ao castello!...

— Pois eu não quero ir...

— Ah! não queres ir?...

— Não!.. no fim de contas, sou livre... renuncio ao serviço... abandono os meus salarios... sou senhor de mim... largue-me... quero ir-me embora...

— Ah! queres ir-te embora?...

— Quero... e, se o senhor não me largar... havemos de vêr!...

— Ah! havemos de vêr!.. Pois bem! enquanto esperamos, vai caminhando por bem, ou te faço andar a coronhadas!...

E, como la Ramée não andava, Caillouet juntou o gesto ás palavras.

O effeito seguiu a ameaça tão rapidamente como o raio segue ao relampago.

A coronha da carabina foi levantada tres vezes a fio, e tres vezes a fio cahiu no lombo de la Ramée.

O misero soltou um bramido lamentoso, que aliás não enterneceu o couteiro.

— Se a correcção não te agrada, disse este, caminha!...ou então começo de novo!...

E teria feito como o dizia.

La Ramée, — apesar de ebrio, — comprehendeu-o perfeitamente e caminhou.

O couteiro estava ancioso por comparecer perante o conde com o seu prisioneiro.

Sabia que o delicto não traria castigo serio ao culpado, e que o Sr. de Vezay não procedería judicialmente contra elle.

Mas sabia tambem que la Ramée ia ser expulso vergonhosamente, enxotado, humilhado perante todos, e posto fóra do castello como um ladrão.

Sabia que lhe diriam :

— Fóra daqui, maroto! deixa o logar para a gente honrada, e vai fazer com que te enforcem algures!

XVIII

A CLAREIRA

Caillouet continuava a caminhar, e, como sentia entretanto a sua mão cansar-se e o seu braço ficar dormente, — como comprehendia que, apesar da sua possante organização de Hercules, a fadiga havia de prostral-o, — apressou o passo, afim de não se vêr constrangido a parar em caminho.

La Ramée soltava gemidos surdos.

Por mais de vinte vezes os ramos afastados na impetuosa passagem do couteiro tinham vindo vergastar-lhe o rosto.

Faltava-lhe a respiração.

Offegava-lhe o peito.

Pouco a pouco, a dôr crescente dissipava-lhe a embriaguez.

Chega um momento em que o supplicio que se lhes impõe revolta as naturezas as mais covardes.

Essas naturezas degradadas revelam então estranha energia, que admira encontrar nellas.

Dão prova de uma coragem cega, — ou antes de uma especie de febril audacia, que chega até á loucura.

Essa coragem facticia, essa mentirosa temeridade têm a duração apenas de um relampago; mas, como o relampago, podem trazer o raio que fulmina.

O momento de que fallamos chegou para la Ramée.

Caillouet, arrastando-o sempre comsigo, acabava de alcançar uma vasta clareira, que elle se dispunha a atravessar e que era rodeiada de carvalhos, olmos e castanheiros duas ou tres vezes seculares.

De repente o couteiro estacou.

Parecia-lhe ter percebido no seu prisioneiro uma veleidade de resistencia.

Com effeito, o picador, bem resolvido a não dar mais um passo, acabava de fazer finca-pé, e, em vez de continuar a avançar, racuava com todas as forças.

— Caminhas, ou não?... disse Caillouet com voz ameaçadora.

— Não, com todos os diabos!.. exclamou la Ramée; não irei adiante!...

— Que é que estás dizendo?..

O picador repetiu.

— Nesse caso, replicou o couteiro, largando a gola de la Ramée para levantar com ambas as mãos a carabina e ameaçando-o; nesse caso...

— Pódes dar!... não caminharei!..

— Ouve, — disse Caillouet com os dentes cerrados, ouve bem o que te vou dizer!.. Vou contar até tres; se, quando eu acabar de contar, não te puzeres em marcha, descarrego-te a coronha no alto da cabeça!..

(Continúa no proximo numero.)